

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAISA B.W.SAGREDO

**ENTRE A EGIPTOMANIA E A EGIPTOLOGIA:
UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DO FARAÓ
AKHENATON NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao curso de
Licenciatura e Bacharelado em
História da Universidade
Federal de Santa
Catarina.Orientadora: Dra.
Renata Palandri S. Sell

FLORIANÓPOLIS, 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e sete dias do mês de novembro do ano de dois mil e treze, às dez horas, na Sala 10 do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Renata Palandri Sigolo Sell, Orientadora e Presidente, pelo Professor Fernando Cândido da Silva, Titular da Banca, e pela Professora Aline Dias da Silveira, Suplente, designados pela Portaria nº59 /HST/13 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Raísa Barbosa Wentelemn Sagredo**, subordinado ao título: “**Entre a egiptomania e a egiptologia: um estudo das representações do faraó Akhenaton no Brasil**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Renata Palandri Sigolo Sell, a nota final 10, do Professor Fernando Cândido da Silva, a nota final 10 e da Professora Aline Dias da Silveira, a nota final 10, sendo aprovada com a nota final 10. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, impresso de acordo com as normas da Biblioteca Universitária e em formato digital, ao Departamento de História, até o dia seis de dezembro de dois mil e treze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Florianópolis, 27 de novembro de 2013.

Banca Examinadora:

Prof.a Renata Palandri Sigolo Sell Renata Palandri Sigolo Sell

Prof. Fernando Cândido da Silva Fernando Cândido da Silva

Prof.a Aline Dias da Silveira Aline Dias da Silveira

Candidata Raísa Barbosa Wentelemn Sagredo Raísa B.W.S. Sagredo

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente às minhas amigas da graduação e do coração, e em especial a meus pais Guadalupe Barbosa e Alberto Sagredo, por desde minha infância respeitarem e estimularem minha paixão pelo Egito antigo.

*Meus cabelos são os cabelos de Nut.
Minha face é a face do Disco Solar. Meus
olhos são os olhos de Háthor. Meus ouvidos
são os ouvidos de Apuat (...). Meus pés são
os pés de Ptah. Não há membro em meu
corpo que não seja o membro de algum deus
(...).*

Livro do Vir à Luz, Papiro de Ani,
Museu Britânico

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a identificar e analisar algumas representações do faraó Amenotep IV, mais conhecido na História como Akhenaton, mostrando como é possível encontrar o mesmo homem cuja trajetória é rodeada de mistérios e polêmica, servindo a diferentes discursos. Tendo em vista que o material acerca das representações de Akhenaton é muito abundante e diversificado, optou-se por um recorte que abrangesse um tempo atual, cujos discursos das fontes fossem de naturezas distintas, pelo menos em teoria. Partindo do conceito de Egiptomania proposto pela egiptóloga brasileira Margaret Bakos, como re-interpretação e re-uso de aspectos da cultura do antigo Egito, dialogando com o conceito de Egiptologia, a ciência encarregada de estudar o Egito dos faraós. Logo, busca-se nas representações de Akhenaton, entender como se constrói essa relação, respondendo à questão: estariam distantes, na prática, os discursos da egiptomania e da egiptologia?

Palavras-chave: Akhenaton, Egito, representação, egiptomania, egiptologia, discurso.

ABSTRACT

This research set out to identify and analyze some depictions of the pharaoh Amenhotep IV , better known in history as Akhenaten , showing how it is possible to find the same man whose trajectory is surrounded by mystery and controversy, serving different discourses . Considering that the material about the representations of Akhenaten is very abundant and diverse , we chose a cut covering a current time, whose speeches were the sources of different natures , at least in theory. Based on the concept proposed by the Brazilian Egyptomania Egyptologist Margaret Bakos , as re - interpretation and re - use of aspects of the culture of ancient Egypt , dialoguing with the concept of Egyptology , science charged with studying the Egypt of the pharaohs . Soon , we seek representations of Akhenaten , understand how to build this relationship , answering the question : would be far in practice , speeches from Egyptomania and Egyptology ?

Keywords : Akhenaten, Egypt, representation, Egyptomania, Egyptology, speech .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 15.
AKHENATON, O FARAÓ DO SOL, E SEU CONTEXTO: REINO NOVO, XVIII DINASTIA	p. 20.
EGIPTOMANIA, ESPIRITUALISMO E UM FARAÓ “ILUMINADO”	p. 25.
1.1. COMPREENDENDO A EGIPOTOMANIA.....	p. 25.
1.2. SOBRE A OBRA.....	p. 27.
1.3. RELIGIÃO, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO.....	p. 34.
JK E AKHENATON LADO A LADO: UMA INTRIGANTE TESE DE DOUTORADO	p. 40.
3.1. IARA KERN: RESPIRANDO A NOVA ERA.....	p. 40.
3.2. RELAÇÃO ENTRE EGITO E BRASÍLIA: DESVENDANDO A REPRESENTAÇÃO DE AKHENATON EM JK.....	p. 47.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 54.
BIBLIOGRAFIA	p. 56.
ANEXOS	p. 60.

INTRODUÇÃO

O faraó Amenothep IV¹, ou Akhenaton, marcou os papiros da História, trazendo mudanças significativas no Egito Antigo, dentro do contexto denominado Reino Novo (1560-1070 A.E.C), em diversos âmbitos: cultural, artístico, político e religioso. Estes dois últimos, marcados por opiniões controversas e fortemente contrárias. Afinal, quem foi esse homem? Essa pergunta não pretende nem pode ser respondida, pois o que temos são representações que revelam mais, na sua construção e concepção, sobre o contexto atual do que sobre o Akhenaton que viveu no Egito antigo. Sendo assim, o foco da pesquisa é compreender como se constroem, na atualidade brasileira, nos meios acadêmicos e não acadêmicos, as representações acerca da imagem do faraó Akhenaton e até que ponto os discursos da egiptomania e da egiptologia estão distantes e se diferenciam na prática.

As representações deste faraó são muito abrangentes e pertencentes a diferentes âmbitos e discursos- Ordem Rosa Cruz², Teosofia³, entre outros. Eis uma questão que não cabe diretamente nesta pesquisa, mas que merecia ser analisada, afinal, por que a temática do faraó Akhenaton é tão apropriada? Talvez por envolver fragmentos da história egípcia repletas de fama e mistério, inaugurando o inovador em um pensamento tradicional. Como se não bastasse ter feito mudanças tão irreverentes durante sua reforma religiosa, Akhenaton era esposo de Nefertiti- “a bela chegou”, considerada uma das mulheres mais belas da antiguidade hoje em função de seu busto, no museu de Berlim; também foi pai de Tutankamon, “o faraó menino”, dono da mais famosa tumba, descoberta por Howard Carter em 1922 e considerada um das maiores

¹ O novo nome de Amenófis IV, Akhenaten, significa: “Viva Rá-Horakhti (uma das formas do princípio solar) que se regozija no horizonte brilhante em seu nome de Luz que pertence a Aton”. Acrescenta-se dois nomes, que completam a personalidade simbólica do faraó: “Viva Rá aquele que pertence ao horizonte brilhante, que se regozija no horizonte brilhante em seu nome, ou seja, Rá que veio no disco (ou: na qualidade de Aton)” e “Belo de formas como Rá, o filho único de Rá”. JACQ, Christian. *Akhenaton e Nefertiti: o casal solar*. São Paulo: Editora Hemus, 1978, pg. 28.

² Ver mais no site brasileiro da Ordem Rosacruz www.amorc.org.br.

³ Ciro Flamarion nos fala um pouco sobre o Akhenaton de Madame Blavatsky em CARDOSO, Ciro Flamarion. *O faraó Akhenaton e nossos contemporâneos*. Disponível em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/jornada.pdf>.

descobertas arqueológicas da História, passando a influenciar o imaginário mundial sobre o Egito, de modo febril.⁴

Logo, houve uma seleta escolha de fontes. Os critérios de seleção foram dois, buscando-se englobar universos que, algumas vezes, parecem não dialogar com relação à produção de saberes. A escolha por uma fonte produzida fora do ambiente acadêmico se deu justamente neste sentido, pois em qualquer contexto se produzem representações e discursos que merecem a mesma atenção e seriedade que os discursos acadêmicos. O segundo critério foi a nacionalidade dessas representações; ambas são produções nacionais, ou seja, é o Brasil, tão longe no tempo e no espaço físico do Egito, se apropriando e resignificando a figura do faraó Akhenaton. Mais especificamente sobre as fontes, uma é um romance espiritualista de Roger Bottini Paranhos, que pertence ao gênero do romance mediúnico, intitulado *Akhenaton: a Revolução Espiritual do Antigo Egito*⁵, produzido fora do ambiente acadêmico e, em contrapartida, a segunda fonte é um livro publicado pela egiptóloga Iara Kern, falecida professora da UnB-Universidade de Brasília- fruto de sua pesquisa de doutorado, publicada na obra *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*⁶.

A 18^o dinastia, a qual pertenceu Akhenaton, é sem dúvida a dinastia egípcia mais visada para produzir materiais em geral e Akhenaton um dos faraós mais famosos e controversos nos meios fora da academia. Como afirma Ciro Flamarion Cardoso, “uma documentação muito lacunar, coisa comum em História Antiga, costuma favorecer grande diversidade de interpretações, sobretudo em se tratando de uma figura como Akhenaton”⁷. Sobre esse faraó, caem inúmeros estereótipos, rótulos que parecem mais refletir uma visão pessoal, imparcial e atual daqueles que escrevem sobre ele. Para embasar teoricamente a pesquisa, é necessário ter claro alguns conceitos-chave, essenciais na própria construção e uso dos conceitos de Egiptologia e Egiptomania nesta análise, que serão detalhados no capítulo III. Porém, alguns conceitos devem ser abordados na Introdução deste trabalho.

⁴ BAKOS, Margaret M (Org.). *Egiptomania: O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004, pg.11.

⁵ PARANHOS, Roger B. *Akhenaton e a Revolução espiritual do antigo Egito*. 4^o ed. Limeira, SP: Editora do conhecimento, 2006.

⁶ KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2^a Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984.

⁷CARDOSO, op. cit, pg 2.

Eis o caso do conceito de representação, fundamental nesta discussão. Polissêmico para a teoria da História e palavra-chave da pesquisa, representação é o termo diferencial da Nova História Cultural, pressuposto teórico utilizado no trabalho. Para além de uma reflexão conceitual, o termo **representação** “se trata de uma palavra de origem latina, oriunda do vocábulo *repraesentare* que significa ‘tornar presente’ ou ‘apresentar de novo’”⁸. Conceituando, as representações podem ser entendidas:

como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas.⁹

A questão da legitimidade se faz muito evidente quando tratamos destas representações de Akhenaton, tanto da tese de Lara Kern como de Roger Bottini Paranhos. São legitimações diferentes que ambos parecem trazer; na primeira, uma legitimação política, e na segunda uma legitimação religiosa, como veremos mais adiante na análise das fontes. É a legitimação nos faz lembrar o quanto a história, mesmo sendo antiga como a faraônica, e parecendo tão distante do nosso país, dialoga com o presente e faz sentido para determinado grupo neste tempo, como afirma o próprio Roger Chartier ao conceituar representações como “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”.¹⁰ Logo, as representações de Akhenaton são ferramentas que

⁸ VIEIRA, Dominique. *Acerca do conceito de representação*. Revista de Teoria da História Ano 3, Número 6, dez/2011 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892.

⁹ CARVALHO, Francismar de. *O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier*. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, 2005. Disponível em <http://www.sc.senac.br/biblioteca/arquivosSGC/CHARTIER%20E%20BOR DIEU.pdf>.

¹⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

nos ajudam a compreender mais sobre o contexto e os sujeitos que produzem essa representação do que sobre o próprio Akhenaton.

É importante ressaltar alguns pressupostos que Henri Lefebvre (2006) nos traz, sobre o conceito de representação, que podem ajudar na resposta à problemática e que serão retomados nas considerações finais: “1) emerge e se formula em condições históricas; 2) possui limites que devem ser circunscritos; 3) suscita novos conceitos; 4) condensa uma gênese que implicitamente o acompanha requerendo assim, um trabalho de genealogia; 5) pretende ser verdadeira e atuante e 6) tem caráter dinâmico.”¹¹

Por esta razão, o objetivo principal da pesquisa será perceber, ao longo do trabalho, se o discurso da Egiptomania acaba interferindo ou não no discurso da Egiptologia, se essa construção se dá de maneira isolada ou numa forma de diálogo, numa via de mão-dupla, lembrando que estes conceitos serão trabalhados nos capítulos II e III. Neste contexto, os casos das representações brasileiras de Akhenaton se tornam cruciais para se compreender a construção da relação entre Egiptomania-o estudo de representações- e Egiptologia-o estudo do Egito no passado- respondendo à questão: quão distante estariam, na prática, os discursos da egiptomania e da egiptologia?

O primeiro capítulo, **Akhenaton, o faraó do sol e seu contexto: Reino Novo, XVIII dinastia**, propõem-se a contextualizar o Egito no período do Reino Novo, trazendo informações sobre o reinado de Amenothep III, pai de Akhenaton, mostrando que já existiam tensões político-religiosas antes mesmo de Akhenaton assumir como faraó. Explica os fatores que levaram a essa ruptura com os deuses do panteão egípcio, e como se deu o desfecho da chamada Revolução Amarniana.

O capítulo II é dedicado à fonte mediúnic, intitulado **Egiptomania, Espiritualismo e um faraó "iluminado"**, dividido nos subcapítulos "compreendendo a egiptomania", "sobre a obra", e "discurso e representação". Este capítulo pretende explorar o conceito de egiptomania versus egiptologia, além de perceber o discurso religioso cristão como opressor do politeísmo e a representação do faraó Akhenaton como um homem virtuoso, de espírito evoluído, que tentara com sua revolução fazer com que o povo egípcio percebesse que o monoteísmo seria melhor do que o politeísmo para o próprio

¹¹LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. (Trad. Espanhola de óscar Barahona e Uxo Doyhamboure). México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

crescimento espiritual de todos os povos da terra- idéia esta que reflete a hierarquia entre politeísmo e monoteísmo.

O terceiro capítulo, intitulado **JK e Akhenaton lado a lado: uma intrigante tese de doutorado**, é o capítulo mais surpreendente pois, além de trazer mais informações sobre a egiptologia e sobre o contexto da autora- subcapítulo Iara Kern: respirando a Nova Era- mostra os principais paralelos descobertos por ela e o contexto histórico do próprio Juscelino Kubitschek, no subcapítulo Relação entre Egito e Brasília: desvendando a representação de Akhenaton em JK. Logo após as considerações finais, foram adicionados em anexo as ilustrações presentes na tese de Kern, muito curiosas.

CAPITULO I- AKHENATON, O FARAÓ DO SOL, E SEU CONTEXTO: REINO NOVO, XVIII DINASTIA

A história da sociedade egípcia antiga é dividida em diversos períodos e Reinos. O contexto em que viveu nosso faraó em questão, Akhenaton, é o Reino Novo, que vai de 1550 a 1070 a.C.¹², compreendendo as dinastias XVIII a XX. De acordo com a hipótese mais provável, Amenófis IV era filho de o faraó Amenothep III e da rainha Tii. Baseando-se em datas não tão seguras, as evidências indicam que Akhenaton reinou de 1370 a 1352 A.E.C. e que sua “revolução” durou aproximadamente treze anos.¹³

O pai de Akhenaton iniciou seu reinado por volta de 1408 A.E.C., onde o Egito, chamado pelos nativos como “Duas Terras”, vivia então um momento de esplendor e tranquilidade, militarmente e economicamente. “O império egípcio se estendia das costas da Síria até o Oriente e da Núbia até a terceira catarata; reina um bom entendimento com a Mitanni e a Babilônia.”¹⁴ Na época, as artes como poesia e arquitetura tem um florescimento fantástico- o Templo de Luxor, o famoso Terceiro Pilar de Karnak, entre outros.

Com a mudança de reinado dos hititas, a paz foi interrompida, dividindo os aliados dos egípcios; ao mesmo tempo em que Amenothep III não reagiu de forma energética. Junto a este fator, a cidade egípcia de Tebas- que tanto vai interferir na trajetória de Akhenaton, mais adiante- cresce em riqueza, administrando os tributos de guerra trazidos pelos antecessores de Amenothep III. “Tebas não se contenta com orientar a vida espiritual do Egito, pois ela rege também sua vida econômica”¹⁵. Aí nasce um problema, que já existia e vai tomando proporções maiores, que se costuma atribuir ao reinado de Akhenaton, mas que já começou a se manifestar no reinado de seu pai: a capital do Egito fica à mercê de dois poderes ao mesmo tempo, o do faraó e o do sumo sacerdote de Amon¹⁶, deus de Tebas.

¹² Cronologia mais usual, revisada por Ian Shaw, egiptólogo da Universidade de Liverpool. HOBSON, C. *The world of the Pharaohs*. Londres. Thames and Hudson, 1987.

¹³ JACQ, op. cit, p. 24.

¹⁴ Ibidem, p. 37.

¹⁵ Ibidem, p. 39.

¹⁶ Deus obscuro da cidade de Tebas durante todo o Reino Antigo, chamado de “o Oculto”. “Amon era a criação de circunstâncias políticas, adquirindo gradualmente novos aspectos conforme assimilava os papéis mitológicos após o

Neste contexto, o Primeiro Profeta de Amon acaba se tornando a figura do império mais importante depois do próprio faraó.¹⁷

Por conseguinte, em certos períodos os faraós da XVIII dinastia lograram manter os sumos sacerdotes no âmbito de suas funções religiosas. Mas o equilíbrio conseguido pela energia de certos monarcas não podia ser durável. Graças a uma organização notável, os sacerdotes de Tebas conseguiram manter, com maior ou menor discricção, um Estado dentro do Estado.

Esta expressão de um “Estado dentro do Estado” se refere às divergências religiosas deste período, pois Amenothep III era partidário de uma religião mais universalista, enquanto esta idéia era inconcebível para o clero de Tebas, onde uma religião sem Amon no panteão dos deuses principais reduziria a influência política deste grupo em ascensão. E quando esta discussão já se fazia presente- não da forma intensa como aconteceu no reinado de Akhenaton- é que Amenófis IV assume o trono das Duas Terras.

Atualmente, após análises e estudos de diversos pormenores, os egiptólogos, como Christiane Desroches-Noblecourt, têm certeza de que houve uma co-regência e que pai e filho reinaram juntos.¹⁸ Através de fragmentos de textos, especula-se que “Amenófis III deve ter morrido por volta do décimo segundo ano do reinado de seu filho.¹⁹ A coroação, que dava início ao reinado de Amenófis IV, foi um ato excepcional, pois ele escolhera a cidade de Hermontis para a cerimônia, e não a

aniquilamento dos seus adoradores”. Durante o Reino Médio, Amon foi relacionado com o carneiro, animal fértil, quando passou a ser considerado um deus criador. ÍONS, Veronica. *Egipto*. Editora Verbo: Lisboa/ São Paulo, 1982, p. 92-94.

¹⁷Como exemplo, Christian Jacq traz o caso do reinado do faraó Thutmósis I (1530-1520), onde parece que os sacerdotes de Amon “se ocupam exclusivamente dos assuntos religiosos”. Logo, na conjuntura social e econômica, esta função foi se modificando. JACQ, op. cit, p. 40.

¹⁸ Jacq nos traz algumas destas evidências, como nas pesquisas de Christiane Desroches-Noblecourt. *Ibidem*, p. 46.

¹⁹ *Ibidem*, p. 46.

tradicional Tebas. Além disto, adotou na mesma o título inusitado de “Primeiro Profeta de Rê- Harakhti”.²⁰

O fato de Akhenaton mudar seu nome, mais tarde, de Amenothep IV²¹- pertencente à dinastia dos Amenothep- para Akhenaton, é muito significativo neste contexto, pois dentro da sociedade egípcia, o simbolismo do qual cada nome era imbuído se fazia crucial para a própria manutenção da ordem. Outro fato relevante foi que no ano 5 ou 6 do seu reinado, Akhenaton- que ainda era Amenófis IV- decide proclamar sua *festa-sed*²², simbolizando sua intensão mágica de regeneração neste ritual. Deste modo, tudo indica que sua revolução Amarniana já estava sendo preparada, simbolicamente.

Inicia-se assim a fase de adoração ao disco solar Aton, considerado um “rei-deus e identificado ao próprio faraó”²³, e esta representação divina é diferente das que eram usadas até então: Aton é representado como um disco solar com raios, cujas extremidades terminam em mãos. A essa peculiaridade, agraga-se o fato das estátuas do faraó terem um caráter assexuado e rosto caricaturesco, enigma que ainda é controverso no ramo da egiptologia, afinal, seria apenas uma particularidade do novo estilo de arte amarniana²⁴, uma representação do

²⁰ O nome completo adotado por ele- que ainda não fez a substituição do nome Amenothep por Akhenaton- é: “Primeiro Profeta de Rê-Herakhti que se rejubila no horizonte em seu nome de Shou que é Aton”. Este nome complicado constitui o início duma teologia que levará à religião atoniana; Rê- Horakhti contribui para a criação permanente da vida e Shou pode ser interpretado aqui, como a luz solar vivificante e Aton aparece pela primeira vez como um poder sintético que engloba todas estas noções. *Ibidem*, p. 50.

²¹ Amenothep significa “Amon está satisfeito”. *Ibidem*, p. 28.

²² Ritual mágico, espécie de regeneração ritual. A peculiaridade está no fato de Amenófis IV ter pouca idade e estar ainda no início do reinado, e tradicionalmente esta cerimônia era celebrada depois de muitos anos no trono. *Ibidem*, p.51.

²³ *Ibidem*, p. 53.

²⁴ Arte Amarniana é o novo estilo de arte egípcia, inaugurada por Akhenaton, que “empregava curvas exageradas, volumes estranhos, figuras alongadas e, às vezes, deformadas”, mudando os padrões estéticos da época, que eram baseado em uma série de leis bastante rigorosas. Como exemplo, as estátuas sentadas deviam ter as mãos sobre os joelhos; os homens eram sempre pintados com a pele mais escura do que as mulheres, como afirma Gombrich. Com o advento do estilo de arte Amarniana, cenas antes nunca reveladas, mostrando a intimidade da família real, e as próprias imagens do faraó Akhenaton de forma caricaturada, abalaram a concepção de arte egípcia e a forma de representar o homem e a natureza na época. Ver Silva, Tatiana Rita da. Do Cânone à

divino que contém a essência feminina e a masculina²⁵ ou uma doença genética²⁶?

Mais controversa ainda é a história que envolve a rainha Nefertiti, sua esposa, que tanto fascina os olhares contemporâneos pela sua beleza. Não se sabe sua procedência²⁷, nem o porquê de ter sido a escolhida para, ainda criança, casar-se com Amenófis, que na época contava com 12 anos- pois protocolarmente, seu casamento devia ter sido consumado com sua irmã Sit-Amon.²⁸ Além do mais, acredita-se que ela teve papel crucial na revolução amarniana, não sendo apenas Grã-sacerdotisa do culto de Aton. Como prova disso, temos uma representação dela, em uma cena rara, guardada aos personagens masculinos, como descreve Jacq:

Um bloco que veio da localidade de Heliópolis e conservado no Museu de Belas Artes de Boston revela um detalhe extraordinário. Neste bloco figura um barco de Estado de Nefertiti, isto é, uma dessas grandes barcas utilizadas nos ritos reais. A rainha é apresentada com uma coroa e vemo-la batendo com uma clava ritual um adversário que ela empunha pelos cabelos antes de abatê-

Criação: A Simbologia usada na representação do Faraó Akhenaton. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2006, p. 57. Mais sobre arte em GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora LTC, 1999, p. 65.

²⁵O próprio egiptólogo Christian Jacq é dessa opinião, alegando que as estátuas andrógenas não representariam a realidade física do faraó, e sim seu aspecto divino, que por conter tanto a masculinidade como a feminilidade, função desta representação. JACQ, op.cit, capítulo I.

²⁶A doença genética seria, segundo Cyril Aldred, a Síndrome de Frohlich, pois “ Os homens acometidos desta doença apresentam frequentemente uma corpulência análoga àquela de Akhenaton. As partes genitais permanecem disfarçadas e podem ser tão envoltas de gordura a ponto de tornarem-se invisíveis. A adiposidade pode distribuir-se diferentemente de caso para caso, mas existe uma distribuição de gorduras que é tipicamente feminina, principalmente nas regiões do peito, do abdômen, do púbis, das coxas e das nádegas”. Ibidem, p. 20.

²⁷Ao interpretar seu nome, que significa “a bela chegou”, alguns egiptólogos acreditam que Nefertiti poderia ser a princesa Taduhepa, filha do rei Dushratta, do Mitanni, que aparece nas documentações como entrando no Egito e depois desaparece dos registros. Ibidem, p. 66-67.

²⁸Ibidem, p. 67.

lo. Esta cena é muito clássica na arte egípcia; mas, via de regra é reservada estritamente ao rei e nunca se vê a rainha nessa postura especificamente guerreira.

Detive-me trazendo um pouco sobre a rainha Nefertiti porque, na minha concepção, Akhenaton não fez uma revolução religiosa sozinho. E, como foi demonstrado anteriormente, ela teve um papel importante nas mudanças que aconteceram mais adiante.

Uma transformação significativa para o Egito foi a mudança da capital, com a construção, em um curto espaço de tempo, de Akhetaton, fundada no sexto ano de seu reinado²⁹, localizada geograficamente entre a cidade de Tebas e Mênfis.

Para o rei, criar Amarna significava afirmar o esplendor dum deus que ainda não tinha “sede”, não dispunha dum lugar privilegiado sobre a terra do Egito. Amarna tornava-se, assim, a cidade de Aton, da mesma forma que Mênfis, por exemplo, era a cidade do deus Ptá. Para o Egito, um deus se, cidade de eleição constituía um poder irreal.³⁰

Este fator simbólico é inerente para não conceber a transferência da capital do Egito e a construção deste novo centro urbano apenas como fator de capricho do faraó, pois é preciso compreender a mudança da capital como uma necessidade simbólica dentro do contexto e da sociedade egípcia ao se dar ênfase a uma outra divindade.

Por fim, o período mais conturbado do reinado de Akhenaton foi o chamado período iconoclasta da Revolução Amarniana, onde templos dos demais deuses foram fechados e imagens destruídas nesse contexto de proibição de cultos a outras divindades em detrimento do deus Aton. Esse período da história é muito lacunar, não havendo um consenso de como Akhenaton saiu do trono, nem de quem assumiu o poder após ele. O casal solar desaparece dos registros egípcios, e o nome de Akhenaton passa a ser sistematicamente apagado de murais, pilares e demais obras, com a intensão de ser apagado da vida e da História egípcia.

²⁹Ibdem, p. 83.

³⁰Ibdem, p. 91.

CAPÍTULO II- EGIPTOMANIA, ESPIRITUALISMO E UM FARAÓ “ILUMINADO”

2.1. COMPREENDENDO A EGIPTOMANIA

Nos estudos sobre o Egito antigo, dois conceitos são essenciais para a construção do conhecimento neste campo: egiptomania e egiptologia. Mais do que diferenciá-los no sentido morfológico, estes dois saberes se construíram- ou pelo menos pareceram se construir- por muito tempo, curiosamente, como áreas isoladas, sem diálogo. Agregado a essa diferenciação, entra a hierarquia entre eles, onde a Egiptologia estaria, supostamente, num patamar de superioridade.

O ramo da egiptomania se debruça sobre objetos de pesquisa que foram produzidos não naquele Egito da Antiguidade, mas depois dele ou por povos de fora do Egito, como os gregos por exemplo, produzindo representações de outro contexto, que se apropriam de atributos egípcios. Como bem explica Bakos, egiptomania é “a reinterpretação e o re-uso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribua novos significados”³¹, sendo este,

(...) um fenômeno que tem a característica básica de conjugar ciência e imaginação. Afinal, a egiptomania se desenvolveu da conjunção entre as descobertas acadêmicas, o saber popular e os relatos de viajantes e escritores, tendo se alimentado continuamente do repertório ilimitado de crenças e mitos universais.³²

É interessante notar como a percepção dicotômica e hierarquizada da egiptomania versus egiptologia refletem o eterno dilema entre a objetividade científica e a subjetividade. Tendo isto em vista, esta pesquisa acaba por colaborar para desconstruir este tipo de abordagem hierarquizada, pelos motivos citados a seguir:

Assim, a egiptologia, ciência que estuda as coisas egípcias, de forma científica, cartesiana, tornou-se, pelos seus princípios metodológicos racionais e lógicos, mais valorizada que a

³¹ BAKOS, op.cit, p. 10.

³² Ibidem, p. 10.

egiptomania, que analisa práticas muito mais antigas, valorizando os aspectos emocionais das criações. É que essa última não condiciona a apropriação de elementos do antigo Egito, ao conhecimento específico e erudito de seu significado original, à época de sua criação, mas à sensibilidade daqueles que a utilizam, seja para expressão artística, seja para a venda de algum um produto.³³

Em suma, o estudo de representações do Antigo Egito se faz importante para compreendermos os sujeitos que fazem a apropriação, sua biografia e seu contexto, o porquê de terem escolhido elementos egípcios, que tipo de discurso se pretende legitimar, como essas representações são recebidas/percebidas pelo público-alvo e qual o Egito que se busca “resgatar”, o Egito propriamente africano ou o Egito europeizado.

Vale ressaltar que os estudos na área de representações tanto do Egito como de outras sociedades antigas, cresce cada vez mais dentro dos espaços acadêmicos. As pesquisas tem foco na análise da utilização ou apropriações de elementos do mundo antigo como uma forma de legitimidade social/cultural na contemporaneidade. O próprio projeto “Egiptomania no Brasil. Séc. XIX e XX” aprovado pelo CNPq em 2001, que deu origem a diversas pesquisas, como a da egiptóloga Dra. Margaret Bakos³⁴, assim como a criação da linha de pesquisa na UFF- Universidade Federal Fluminense- dentro do NEHMAAT³⁵, chamada **“Usos do Passado no Mundo Moderno e Contemporâneo”**, são exemplos dessa crescente demanda.

³³BAKOS, M. M. *O Egito antigo: na fronteira entre ciência e imaginação*. Disponível em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/egito2.pdf, p. 5.

³⁴Atualmente é professora adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS.

³⁵NEHMAAT- Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar.

2.2. SOBRE A OBRA

Primeiramente, cabe ressaltar aqui a justificativa do uso dessa fonte. *Akhenaton e a revolução espiritual do Egito Antigo* (2002) é um romance muito difundido nos meios esotéricos/espiritualistas, pois está na 3º edição, e pelo seu conteúdo e proposta, pode ser entendido como um desdobramento das vertentes desencadeadas pelo MNA- Movimento New Age- ou Nova Era, como é chamado no Brasil- que será explicado no capítulo III, pois a tese do respectivo capítulo foi publicada na mesma época em que o movimento chegou ao país. Essas vertentes brasileiras possuem algumas características marcantes, a saber:

A identificação das vertentes no Brasil sintonizadas com a New Age global deve levar em conta sua ênfase individualista e espiritualista, em referência a movimentos contraculturais. Esses fatores constituidores da New Age apontam, no caso brasileiro, para uma interação com a “cultura psicológica” e com a tradição espírito-mediúnic³⁶.

Tradição espírito-mediúnic³⁷ refere-se aqui à especificidade religiosa brasileira que, pela sua configuração social e contexto histórico em que o Kardecismo³⁷ entra no Brasil, acaba por gerar uma mudança neste Kardecismo francês. Como muitos estudiosos apontam, o que é chamado de Espiritismo no Brasil atualmente é uma religiosidade que se diferencia muito do Kardecismo, pois mesmo baseando-se nas obras de Allan Kardec- codificador da doutrina- agregou aspectos de religiões

³⁶ D’ANDREA, Anthony. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. Edições Loyola, p. 116.

³⁷ Kardecismo é a doutrina sistematizada por Allan Kardec, sob os aspectos científico, filosófico e religioso, apresentando-se “ sob três aspectos diferentes: o fato das manifestações, os princípios de filosofia e de moral que delas decorrem e a aplicação desses princípios”. Livro dos Espíritos. “A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, o trabalho de Kardec foi constituído de cinco obras básicas: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868)”. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns- ou Guia dos médiuns e dos evocadores. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009, p.635, p. 647, p. 648.

afro-brasileiras e outras características, como o foco na questão da caridade, que não se manifestam nesta religião na França.

Sobre a obra, insere-se no gênero da literatura mediúnica, que consiste em uma produção escrita através do médium³⁸. Cabe igualmente ressaltar o que se entende por religiões mediúnicas:

Religiões mediúnicas representam um conjunto de elementos relevantes para a compreensão de aspectos da realidade brasileira e designam um traço marcante, e talvez basilar, de nossa cultura: a crança generalizada em ‘espíritos’ e na possibilidade de manifestação e contato direto com eles (entidades, orixás, Espírito Santo, demônios anjos, etc).³⁹

Este conceito é importante pois, segundo nos é informado, a obra de Paranhos teria sido orientada pelos espíritos Hermes e Radamés- este último, o personagem principal que narra a história em primeira pessoa, sendo o centro do romance sua trajetória de vida, quando acaba por fazer amizade com o faraó Akhenaton na época em que a Revolução Amarniana começava a ser planejada.

Diferente da psicografia onde, segundo as crenças uma entidade escreve pelo médium- a pessoa que recebe o espírito e psicografa a mensagem- esta modalidade em voga no momento, chamada orientação ou inspiração acontece quando o médium- neste caso, o escritor Roger Paranhos- recebe inspirações que o incitam a escrever. Como afirma o próprio Livro dos Médiuns, é quando se “recebe, pelo pensamento, tanto no seu estado normal como no de êxtase, comunicações estranhas às suas idéias preconcebidas”⁴⁰. Vale ressaltar que este tipo de narração é utilizada na História como fonte, sendo o foco da análise a perspectiva do discurso e do contexto, sem emitir julgamento, por parte do historiador, se há ou não verdade no discurso.

O autor do livro, Roger Bottini Paranhos, é formado em Administração e pós-graduado em Sistemas de Informação, dedicando-

³⁸ “Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens. KARDEC, op. cit, p. 623.

³⁹ D’ANDREA, op. cit, p. 131.

⁴⁰ KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009, p. 282-283.

se ao “Universalismo Crístico”⁴¹, como ele mesmo afirma, como segunda atividade. A Editora do Conhecimento, publicadora da obra, cujo slogan é “ajudando a humanidade a encontrar a verdade”, é especializada na edição de livros de conteúdo espiritualista, sendo esta vertente espiritualista renegada da esfera do espiritismo brasileiro, pelo motivo de não se enquadrar dentro das regras do Espiritismo da Federação Espírita Brasileira. Sobre esta vertente, generalizada aqui como espiritualista, cabe explicar porque não a enquadramos dentro do termo religião:

Não se trata de nova religião, segundo Magnani, mas do advento de uma espiritualidade vinculada a estilos de vida emergentes (padrões de consumo, discurso e comportamento) resultantes de escolhas de ordem estética, terapêutica, especulativa e espiritual. O espiritual é, assim, componente de um processo de autoquestionamento que se diferencia da obrigação religiosa.⁴²

A editora da obra em questão engloba diferentes segmentos espiritualistas, propondo-se a divulgar “diversos caminhos do conhecimento”⁴³ espiritual, publicando livros da vertente ramatisiana⁴⁴,

⁴¹ O Universalismo Crístico se propõe a “promover uma visão espiritual elástica que atenda aos anseios de todos os grupos sociais e religiosos, com o objetivo de despertar um verdadeiro sentimento de Espiritualidade na humanidade, incluindo, inclusive, aqueles que se intitulam ateus e agnósticos por não aceitarem os modelos obsoletos do passado”. Nega-se que seja um movimento, preferindo ser reconhecida como “uma ação individual consciente, tolerante e paciente, que se sustenta no diálogo aberto entre todas as religiões”, para ser o “primeiro passo de unificação verdadeira dos princípios espirituais trazidos à Terra pelos grandes avatares de nossa história”. Disponível em www.universalismocristico.com.br/apresentacao/preceitos-do-uc. Acessado em 11 de Novembro de 2013.

⁴² D’ANDREA, op. cit, p. 117.

⁴³ www.edconhecimento.com.br.

⁴⁴ Ramo espiritualista que “segue os ensinamentos do espírito-guia do médium Hercílio Mães, chamado Ramatís”, seus seguidores “afirmam que Jesus era na verdade um anjo que servia de médium a um espírito chamado Cristo Planetário. São também vegetarianos e têm ligações com o gnosticismo e o esoterismo. Também procura a doutrina passar um universalismo ocidental e oriental”, propondo-se a ser um espiritualismo “destituído de rugas sectárias”.

títulos que tratam de ufologia, umbanda, sincretismo religioso e romances históricos psicografados por médiuns independentes, tão criticados pela FEB- Federação Espírita Brasileira por abordar temas excluídos na esfera do espiritismo “oficial” da FEB . Vale lembrar que o espiritismo

apresenta um desenvolvimento singular ao ser transferido para solo brasileiro, ainda na década de 1870, onde estabeleceu rápido contato com outras tradições culturais (africanas, indígenas e luso-brasileiras), numa realidade sócio-econômica bem distinta daquela que a engendrou.⁴⁵

Essa nova realidade deu abertura a sincretismos religiosos e percepções diferentes e inéditas do sagrado, mesclando o Kardecismo francês a novas apropriações. O livro *Akhenaton- a Revolução Espiritual do Antigo Egito*, exemplo do crescimento e expansão dessas vertentes, é o 1º volume de uma trilogia, cujos outros volumes são respectivamente *Moisés- o libertador de Israel* (2004) e *Moisés- em busca da terra prometida* (2005).

Faz-se importante, para situar o leitor na próxima etapa de análise da fonte, situar brevemente a história narrada.

O livro começa com uma breve explicação do espírito Hermes sobre a Atlântida, que entra na história por ser um lugar onde o faraó Akhenaton, em um passado remoto, teria passado e vivido na pele de um dos grandes sacerdotes do Templo do Sol, afirmando que Akhenaton preparou “a chegada do Divino messias, que viria transformar definitivamente o cenário espiritual da Terra”⁴⁶. O capítulo 1 se dedica a traçar um histórico do Egito antigo nas palavras de Hermes, que segue narrando os demais capítulos igualmente em primeira pessoa, na sua outra vida como um jovem egípcio, odiado pelos irmãos- de mãe

“Para seus discípulos e admiradores, Ramatís coordena a “Fraternidade da Cruz e do Triângulo”, equipe extrafísica de espíritos oriundos do cristianismo e de tradições religiosas do Oriente, comprometida em difundir síntese do conhecimento contido nas doutrinas religiosas e espiritualistas ocidentais e orientais, a fim de promover a integração da humanidade em torno de valores éticos e cosmoéticos em comum e a expansão dos horizontes conscienciais planetários”. Disponível em www.espiritualismo.info. Acessado em 10 de Novembro de 2013.

⁴⁵ D’ANDREA, op. cit, p. 127-128.

⁴⁶ PARANHOS, op.cit, p.11.

diferente- e pelo pai, que trabalhava como lavrador com a família. Este jovem, chamado Radamés, estudava os hieróglifos toda noite com um sábio senhor, pois almejava ser um dia um sacerdote de Tebas, sua cidade. Sua vida muda de rumo quando recebe em casa a visita de um homem chamado Ramósis, sumo sacerdote do Templo de Osíris, que o convida a servir no Templo, onde passa um bom tempo estudando na Casa da Vida, época em que acaba conhecendo Isetnefret, filha do sumo sacerdote Ramósis e ficam noivos.

Por influência do Templo de Osíris e de seu destaque como médico na Casa da Vida, Radamés recebe um convite para participar de um jantar na casa real, com o faraó Amenothep III e sua esposa Tii- pais de Akhenaton- e se intera do assunto discutido: o problema do crescimento do grupo sacerdotal de Amon, os cabeças raspadas, vindo a conhecer os filhos do faraó, Tutmósis- o preferido- e Amenothep IV- desajeitado, magro e com feições estranhas, tratado como fraco e doente, mas percebido por Radamés como uma criança iluminada, espirituosa e muito inteligente.

Com a morte do filho Tutmósis, o faraó Amenothep III piorara seu estado de saúde, e convencido pela esposa Tii, nomeia Amenothep IV, agora com 15 anos, como co-regente, em nome de Aton. Na cerimônia, a situação política já estava tensa, na presença do povo e dos sacerdotes de Amon, em meio a vaias e proclamações. É quando é revelado através de mensagens espirituais a Radamés que ele, assim como o sogro e a esposa, teriam papel fundamental na revolução espiritual que ocorreria no Egito. Continuam a viver a rotina, e nos trabalhos assistenciais de medicina, atendendo o povo, sogro e genro proclamavam sua fé no deus Aton, conseguindo desta forma alguns adeptos.

Enquanto isso, na corte, a jovem Nefertiti, filha do vizir Aye, casa-se com Amenothep IV, não só para ligar o querido vizir ainda mais à família, mas segundo os planos informados pela espiritualidade a Ramósis, ela também teria papel importante na revolução, que começa com o fechamento dos templos dos deuses, causando indignação e divisão do povo entre Aton e Amon, e estes últimos seguidores odiavam o faraó por terem perdido prestígio e terras- que o faraó havia retirado das mãos dos sacerdotes de Amon e dado aos pobres.

Foi no casamento entre Amenothep IV e Nefertiti que houve a mudança de nome para Akhenaton, juntamente com a apresentação do templo em Karnak e obras artísticas que impactaram o povo: seus retratos caricaturados e também uma estátua do sacerdote de cabeça raspada Ptahmósis caricaturada, enraivecendo os sacerdotes de Amon na

cerimônia, explodindo então um tumulto que terminou em sangue e mortes, mesmo com a segurança do general Horemheb.

Logo após o tumulto, é comunicado à população que todos que quiserem poderiam ir para uma nova capital junto com o faraó, alojando-se em barracas no meio do deserto enquanto as habitações não ficassem prontas. Aye pediu para ficar na antiga capital resolvendo assuntos burocráticos, assim como Horemheb, que pretendia ter cartabranca nos assuntos militares. Na mesma época, Nefertiti e a esposa de Radamés, Isetnefret, estão grávidas e têm uma forte amizade, ambas participando da vida política do Egito. Akhenaton adoece, e suspeita-se que seja uma doença mágica, e mais tarde Radamés e seu amigo de infância Sen-Nefer descobrem que era de fato uma doença mágica procovada pelos sacerdotes de Amon, que faziam magia dentro do templo, em uma estátua de Akhenaton, para prejudicá-lo e matá-lo.

Com a visita de um sábio amigo, Radamés é informado da situação política em Tebas, das conspirações e da traição do vizir Aye. E enquanto tramam para derrubar Akhenaton do trono, o faraó se ocupa em viagens de peregrinação, período este em que Nefertiti tornou-se Semenkhkare, reinando por três anos e cuidando das questões administrativas, ao mesmo tempo em que epidemias assolavam o Egito e o próprio filho do casal real, Tutankhaton, adoece e quase morre.

Neste clima tenso, de doenças e instabilidade com os hititas, Nefertiti, que regia o reino como Semenkhkare, morre envenenada pelos inimigos, deixando todos temerosos e Akhenaton louco, que passa a permitir a Horemheb atacar os hititas, decidindo também destruir todas as imagens de Amon, e apagar seu nome dos templos, iniciando-se um período de guerra civil. Akhenaton é envenenado por Aye e Ptahmósis, em uma reunião em que pedia paz enquanto estourava a guerra civil fora do palácio. Morto o faraó odiado, cuja múmia foi violada e jogada no Nilo, Radamés, sua esposa e o sogro Ramósis foram perseguidos pelos seguidores de Amon, sendo Radamés incubido de fugir da cidade de Akhetaton para Tebas com as crianças do casal real, Tutankhaton e sua irmã Ankheseпаaton, que mais tarde, nesta mesma cidade são coroados como o novo casal real sob a tutela de Aye, sendo jovens fantoches das artimanhas do vizir.

A história tem um final trágico: o sogro e a esposa de Radamés são condenados à morte por traição e são murados vivos. Tutankhaton e sua esposa-irmã sofrem um tratamento de choque com os partidários de Amon, o que leva o pequeno Tut a mudar seu nome para Tutankamon, e Radamés, desolado com o rumo do Egito sem Akhenaton, com o fracasso da Revolução que ele tanto acreditava, e com a morte trágica e

injusta de seu sogro e da esposa amada, se suicida jogando-se de um precipício. Por este suicídio- ato condenado tanto no Universalismo Crístico como em outras doutrinas espiritualistas- acaba nascendo na sua próxima vida (o segundo volume) com problemas de saúde relacionados com o tipo de morte que teve.

2.3. RELIGIÃO, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO

Antes de analisar-mos o conteúdo da obra, vamos deter-mos na sua capa e em seu título, por considerar, como afirma Peter Burke, que “as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais”⁴⁷. Logo, imagens podem ser uma fonte histórica e uma evidência enriquecedora, trazendo respostas e questionamentos novos para o historiador, além de trazerem os métodos de análise da iconografia⁴⁸ e iconologia⁴⁹, criticados por Burke, mas não descartados. Segundo ele,

Pode-se dizer que os historiadores precisam da iconografia, porém, devem ir além dela. É necessário que eles pratiquem a iconologia de uma forma mais sistemática, o que pode incluir o uso da psicanálise, do estruturalismo e, especialmente, da teoria da recepção.⁵⁰

Essas inclusões se fazem necessárias porque são muitas as críticas a esses métodos de análise iconológica e iconográfica, como o caso da última, criticada por ser intuitiva em demasia, muito especulativa, bem como pela falta de dimensão social.⁵¹ A análise da capa do livro será breve em função do recorte temático do trabalho, porém a análise é considerada importante por se tratar da capa de um livro, o primeiro contato que o leitor público-alvo tem com a obra se dá através dessa capa.

Na imagem, apresenta-se um desenho do casal solar, onde Nefertiti é representada como uma mulher branca e de traços europeizados, e Akhenaton mesmo tendo uma cor mais morena, igualmente é representado com traços europeus- o que não condiz nem um pouco com as imagens e estátuas do casal, e indo de encontro à questão da africanidade do Egito antigo⁵². Além disto, outros elementos

⁴⁷ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.11.

⁴⁸ Iconografia é a análise do ponto de vista de ler a obra imagética. *Ibidem*, p.44.

⁴⁹ Iconologia caracteriza-se por voltar-se para o “significado intrínseco” e indispensável para os historiadores culturais. *Ibidem*, p. 44-45.

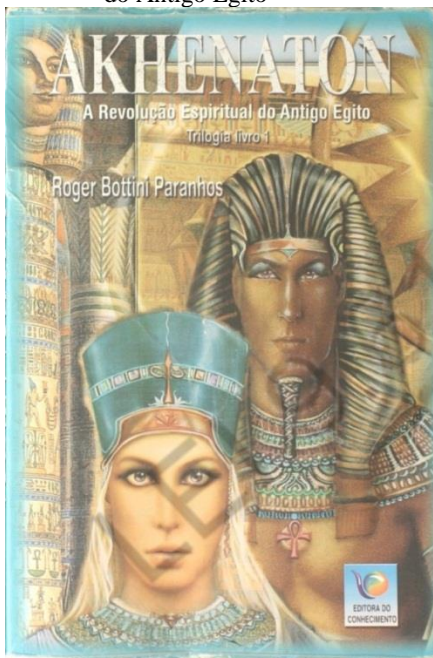
⁵⁰ *Ibidem*, p. 52.

⁵¹ *Ibidem*, p. 50.

⁵² Ver mais sobre a africanidade do Egito, em voga na historiografia atual em: FAGE, D. *História da África*. Lisboa: edições 70, 1997; e no blog www.afrologia.blogspot.com.br.

como um sol ao estilo grego atrás do faraó, um rosto de traços também europeus em uma das colunas da paisagem e símbolos como a cruz Ankh⁵³ como colar e uma pedra parecida com esmeralda na testa de Akhenaton, formam no conjunto uma imagem muito surreal e anacrônica.

Figura 1- Ilustração da capa do livro Akhenaton- a Revolução Espiritual do Antigo Egito



Fonte: PARANHOS, Roger B. Akhenaton- a Revolução Espiritual do Antigo Egito. 4º ed. Limeira, SP: Editora do conhecimento, 2006.

O título do livro por si transmite muito da concepção do autor, ao nomear a Revolução Amarniana como “Revolução Espiritual”. Ele passa a dar ênfase ao lado religioso e negligencia totalmente os aspectos políticos e sociais que culminaram na revolução, que como vimos anteriormente no capítulo I, já estavam aflorando no reinado anterior de

⁵³ A cruz Ankh, amuleto e símbolo da vida, só foi utilizado como colar no período mais remoto da história do Egito, e não no Reino Novo. BUDGE, Budge. *A magia egípcia: pedras, amuletos, fórmulas, nomes e cerimônias mágicas*. Editora Madras.

Amenothep III. Este romance mediúnico não é a primeira ficção que se apropria da figura de Akhenaton como um espírito iluminado e sábio; Ciro Flamarion nos traz exemplos ao analisar os romances *A wife out of Egypt* (Uma esposa oriunda do Egito), publicado em 1913, e *There was a king in Egypt* (Houve um rei no Egito), publicado em 1918, ambos da escritora Norma Lorimer⁵⁴, em que Akhenaton também é representado dessa maneira, manifestando-se inclusive no contexto da Primeira Guerra Mundial e influenciando os personagens que viviam nessa época.

Temos esse mesmo tipo de atitude no personagem Akhenaton de Paranhos, por exemplo, no trecho em que Radamés foge com as crianças Tutankhaton e Ankheseapaaton, para escondê-las na necrópole de Akhetaton enquanto a cidade é saqueada e seus habitantes mortos pelas tropas do vizir Aye. Escondidos na necrópole, eles testemunharam às escondidas a violação da sepultura de Akhenaton e Nefertiti, e logo após ter trazido a múmia, desfigurada e molhada do faraó para a tumba novamente- pois os saqueadores haviam jogado a múmia no Rio Nilo- Radamés recoloca a múmia dentro do sarcófago,

(...) antes de recolocar a tampa, fiquei alguns instantes olhando para o corpo mumificado. Intuitivamente eu percebi aquela tênue luz dourada que sempre envolvia Akhenaton durante seus discursos comoventes, onde ele pregava seu amor ao deus Aton e aos homens(...) segurei firme a mão da múmia (...) disse-lhe:

-Onde está o teu deus Aton, meu faraó? Onde está este deus que te abandona (...)?

(...) Eu estava saindo pela entrada da tumba quando ouvi (...)

- Não desacredites de Aton, Radamés! Devemos confiar em Deus mesmo não compreendendo seus desígnios (...).

Eu me virei para trás e vi Akhenaton, de pé, belo e sereno, vestindo uma túnica celestial branca e envolvido por maravilhosa luz dourada. (...)⁵⁵

⁵⁴ CARDOSO, op. cit.

⁵⁵ PARANHOS, op. cit, p. 277-278.

Akhenaton é aqui representado de um modo angelical, dentro do arquétipo de “espírito iluminado” que se apresenta em diversos romances mediúnicos, sendo um personagem que supera a morte física e manifesta-se interferindo no mundo dos vivos- neste caso, acalmando Radamés.

O livro de Roger Paranhos é um exemplo brasileiro deste tipo de representação, que projeta valores cristãos espiritualistas da atualidade “num contexto especificamente *egípcio*, o da segunda metade do século XIV a.C., que nada tinha de hebraico, cristão ou muçulmano”⁵⁶. É a atualidade retomando o contexto da Nova Era, palavra tão repetida ao longo da narrativa, que atua como fio condutor, pois como a própria contra-capa afirma,

(...) esta não é uma ficção, mas sim a programação que a Alta Espiritualidade planejou para concretizar-se no palco terreno e que promoveria o grande avanço da humanidade encarnada nos séculos futuros, caso a ação perversa de espíritos enegrecidos pela ignorância e pelo ódio não tivessem colaborado para a derrocada do “Grande Projeto Monoteísta no Antigo Egito”.⁵⁷

Esta dicotomia que percebemos entre monoteísmo e politeísmo é mais complexa do que se pensa a primeira vista, pois não são conceitos estanque, sendo relativos- um cristão, no olhar de um muçulmano, pode ser politeísta por acreditar na Trindade, por exemplo, e além disso existem outras categorias entre estes dois conceitos. No caso do Egito antigo, existiu tanto a “*monolatria* (concentração de um fiel ou de uma tendência religiosa num único deus, sem negar que existam outros) quanto o *henoteísmo* (assimilação ou síntese de diversos deuses em favor de um deles)”⁵⁸.

No romance, o politeísmo é simplificado e inferiorizado, encarado como atraso da sociedade egípcia e do restante da humanidade, retomando inclusive o teor do Antigo Testamento bíblico, quando Akhenaton afirma “Todos os deuses do Egito não expressam mais a

⁵⁶ CARDOSO, op.cit, p. 2.

⁵⁷ PARANHOS, op. cit, contra-capa.

⁵⁸ CARDOSO, op. cit, p. 3-4.

verdade da Terra do Poente. Chega de idolatrias! O verdadeiro Deus não possui forma, pois ele é onipresente, vive em tudo e em todos nós”⁵⁹.

A relação não só com a Bíblia, mas com o Cristianismo-lembrando que Akhenaton viveu no século XIV A.E.C- no livro é muito forte, dialogando com a idéia de “Universalismo Crístico”, como no trecho a seguir:

(...) Em meio a uma era primitiva de desenvolvimento, Akhenaton antecipava as mensagens de amor e paz do Grande Mestre Jesus. (...) Foi, certamente, um dos primeiros e principais representantes do Cristo na história conhecida pela humanidade terrena após o último ciclo evolutivo planetário ocorrido na Atlântida.⁶⁰

A partir do trecho, percebe-se como a representação de Akhenaton, apropriou-se do embate do mesmo contra o politeísmo, servindo, este fato, de apoio ao discurso do Universalismo. Mesmo sem negar outras vertentes e reconhecendo personagens de outras religiões como Buda e Krishna como avatares, por exemplo, a idéia cristã prevalece, bem como seus ideais- e aí insere-se o monoteísmo. Justamente nesta questão reside a construção da suposta contribuição de Akhenaton e construção de sua representação proto-crística.

É interessante ressaltar que o Universalismo Crístico, que prega e vê os ensinamentos de Cristo e de outros personagens chamados “avatares” em diversas religiões orientais e ocidentais, está em voga no momento, mas é definitivamente recusada pelo Espiritismo brasileiro (da FEB). Há, no campo das religiões mediúnicas do Brasil, uma disputa de poder que vem se tornando cada vez mais paritária. Pesquisas mostram-nos que mesmo não se declarando como professor da religiosidade espiritualista- ou até mesmo espírita- o número de consumidores de livros espiritualistas e de centros dessa natureza vêm aumentando consideravelmente no país todo nos últimos anos- o livro em questão já está na sua 4^o edição. No cenário contemporâneo,

o crescimento do espiritismo é acompanhado pela sua significativa fragmentação (...) proliferação de grupos sincrético- esoteristas (como o Vale do Amanhecer, a Umbanda Esotérica), pelo

⁵⁹ PARANHOS, op. cit, p. 140.

⁶⁰ Ibidem, p. 168.

surgimento de grupos paracientíficos (como a projeiologia), bem como por centros que se distanciam das orientações doutrinárias da FEB.⁶¹

Isto leva, na atualidade, a um complexo cenário de religiões mediúnicas no país. Dentre vertentes novas e sincréticas, a idéia de Universalismo Crístico está em fase de crescimento, carecendo de pesquisas sobre assunto.

⁶¹ D'ANDREA, op. cit, p. 136.

CAPÍTULO III- JK E AKHENATON LADO A LADO: UMA TESE DE DOUTORADO

3.1. A EGÍPTÓLOGA RESPIRANDO A NOVA ERA

Ao determo-nos sobre uma tese de doutorado, cabe explicar um pouco mais sobre o ramo da egiptologia. Seu estudo possui um caráter científico/cartesiano sobre o Egito Antigo do passado, na conjuntura histórica da Antiguidade. Este tipo de ciência se tornou mais paupável e enriquecedora a partir do momento em que o francês Jean François Champollion conseguiu iniciar os estudos da escrita egípcia- os belos hieróglifos- a partir da famosa Pedra de Roseta.⁶²

Historicamente, esses estudos se modificaram, agregando novas técnicas, que passaram a acompanhar as crescentes inovações tecnológicas; logo, os estudos egiptológicos atualmente envolvem, além da arqueologia de campo- tumbas, templos, sítios arqueológicos- pesquisas que utilizam tecnologia de ponta- como testes de DNA para saber sobre parentesco, tomografias computadorizadas de múmias como a tão famosa para se descobrir o motivo da morte do jovem faraó Tutankhamon (filho do Akhenaton tratado aqui), análises em 3D, reconstituição de rostos a partir de ossadas, entre outros.

Partindo destes pressupostos científicos (ou não), encontramos a falecida professora de Antropologia da UnB- Universidade de Brasília- Iara Kern, graduada nos Estados Unidos com especialização em egiptologia. Ao buscar informações sobre sua trajetória, encontramos seu nome como uma figura importante nos meios esotéricos e até mesmo ufológicos, como uma das palestrantes de destaque no evento ufológico chamado 1º Congresso Internacional de Consciência Cósmica⁶³, ocorrido de 7 a 10 de Julho de 1995, em cuja conferência Kern pareceu chamar muito a atenção, segundo dados de uma entrevista com ela à Equipe Wolff da AFI- Associação Friburguense de

⁶² Ao comparar os cartuchos com os nomes Cleópatra e Ptolomeu, o historiador Chamapolion conseguiu traduzir, como método da comparação, e lê-los em hieróglifo, demótico e grego. BAKOS, M. M. *O que são hieróglifos*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

⁶³ *Revista UFO*. Edição 38, Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores: Maio de 1995. Disponível em www.ufo.com.br/edicoes/ufo/ver/38/4.

Imprensa- "eletrizou a platéia com o tema: Comparação entre os seres extraterrestres, os egípcios e a cidade de Brasília"⁶⁴.

Vale ressaltar que em função de suas pesquisas terem sido feitas antes da época da digitalização de currículos, teses e dissertações, não foi possível fazer um mapeamento de toda a trajetória acadêmica da professora Kern, bem como de seu currículo, nem de dados sobre sua dissertação, como bibliografia utilizada, orientação e banca examinadora. Todas as cinco edições publicadas em forma de livro da tese *De Akhenaton a JK: das Pirâmides a Brasília* constam no acervo da Biblioteca da UnB⁶⁵ atualmente, bem como o livro em inglês *The secret Brasília*⁶⁶ e o documentário⁶⁷ produzido por ela e Ernani Filgueiras Pimentel.

Ao analisar esta segunda fonte escolhida, *De Akhenaton a JK, das Pirâmides a Brasília*, notamos primeiramente que, já no título, a tese da egiptóloga Iara Kern busca traçar um forte paralelo entre o faraó da 18^o dinastia e o ex-presidente do Brasil Juscelino Kubitschek, colocando-o ao lado, na própria capa, de uma estátua de um faraó- provavelmente Akhenaton; e pelo próprio título do livro. A capa chama a atenção pela mensagem que passa, anacrônica e emblemática: JK a conversar com uma estátua egípcia, com a mão direita sobre o joelho da estátua, simbolizando um laço e uma intimidade com este personagem. A ilustração da capa, assim como as demais oito ilustrações anexadas à dissertação, tem o intuito de concretizar as concepções da pesquisa, ilustrando as afirmações feitas ao longo da obra, e foram encomendadas por Kern ao artista plástico Byron de Quevedo⁶⁸ e estas telas

⁶⁴ AFI- Associação Friburguense de Imprensa, localizada em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, fundada em 1957. Entrevista postada em 29 de Janeiro de 2013 no blog da AFI, realizada pela equipe de Ana Maria Wolff. Disponível em www.associacaofriburguensedeimpressablogspot.com.br/2013/01/brasilia-uma-fantastica-concepcao-de-3.html.

⁶⁵ www.consulta.bce.unb.br. Acessado em 10 de Outubro de 2013.

⁶⁶ KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Filgueiras. *Secret brasilia(the)*. Brasília: Porfiro, 2001.

⁶⁷ KERN, Iara, PIMENTEL, Hernani F. *Brasília Secreta: enigma do Antigo Egito*. Brasília: Editora Pórtico, [2000?], colorido, VHS.

⁶⁸ Formado em Artes Plásticas em Middlesex Country College Edson, New Jersey, E.UA e formado em Jornalismo pela CEUB- Brasília. KERN, 1991, op. cit, p. 87.

comparativas da tese foram inclusive expostas com as telas de Portinari, em 1984.⁶⁹ Em entrevista, Byron explica:

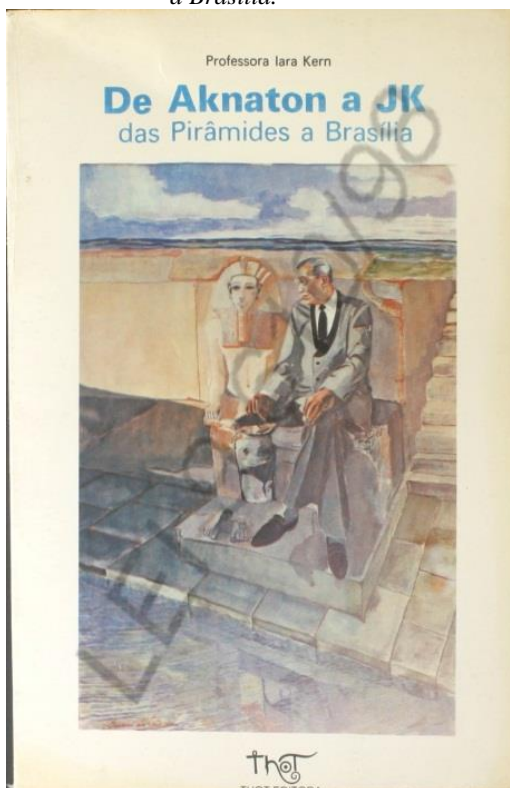
Nas dez telas pintadas por mim, procurei dar beleza e poesia às chamadas coincidências entre os prédios e palácios brasilienses e as ruínas egípcias. E foi fazendo o trabalho que fui verificando que de fato havia grande semelhança entre as duas arquiteturas. Quanto às questões místicas sobre o tema, elas são melhores explicadas pela criadora da tese.⁷⁰

As telas de Byron, em anexo, representam essa atmosfera mística que Kern utiliza ao longo da tese. Tais imagens transbordam anacronismos, representando a pirâmide de Quéops ao lado do Teatro Nacional de Brasília; embarcações egípcias ao lado de uma lancha moderna e de um barco ao estilo windsurf, no Lago Paranoá; a comparação entre o pássaro íbis e o plano piloto da cidade; a pirâmide de degraus de Saquara ao lado da pirâmide de degraus da CEB-Companhia Energética de Brasília, entre outros.

⁶⁹ As dez telas que compõem a coleção Brasília Mística, de Byron de Quevedo, entre 16 e 22 de Novembro do ano de 1984 foram expostas na Exposição do Banco Central. Idem, p. 87.

⁷⁰ FREIRE, Janaína M. Júnior, Dante F. *Um estudo sobre a identidade mística de Brasília – DF*. Revista Geográfica de América Central, Número Especial. EGAL, 2011: Costa Rica, II Semestre 2011, p. 13.

Imagem 2- Ilustração da capa do livro *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*.



Fonte: KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984.

Para entender-mos a tese de Iara Kern, é preciso compreender o contexto no qual estava inserida, e provavelmente ativa no sentido de experimentar e vivenciar esse contexto. Sua tese, publicada em 1984, também se relaciona com o desenvolvimento do MNA- Movimento New Age, cujo marco é, segundo Anthony D'andrea, o ano de 1986 no Brasil⁷¹. Mas para compreender este movimento, é necessário retornar ao contexto que lhe deu origem, o da Contracultura. Contestando os padrões da época, a Contracultura

começa nos anos 50 com o movimento beatnik, seus poetas e mochileiros (...) e se estende em

⁷¹ D'ANDREA, op. cit, p. 11.

várias frentes na década de 60 (...) uma perspectiva mais individualizada descobre no consumo de drogas uma via de liberação e volta-se para a experimentação de novas substâncias psicoativas (...) essa corrente contestatória atinge o comportamento sexual e a organização da vida familiar (...) os valores espirituais, evidentemente, não ficariam de fora.⁷²

Deste modo, revoltaram-se contra a cultura cristã dos Estados Unidos, bebendo da fonte de filosofias e religiões orientais. Destaca-se o fato deste processo de renovação espiritual e busca de caminhos místicos não ser somente um desdobramento do movimento da Contracultura, tendo contribuições para isso do transcendentalismo norte-americano do século XIX, bem como corrente esotéricas e ocultistas européias⁷³. Deste modo, surge o Movimento Nova Era, consolidando-se no início dos anos 70, deixando de ser vista como excentricidade dos hippies e passando a incorporar outras tendências, como do campo científico, tornando-se também um campo de negócios na década de 80.⁷⁴

Como foi dito anteriormente no capítulo II, este movimento, ao ser introduzido no panorama brasileiro, sofreu mudanças, adequando-se à realidade sócio-cultural. O New Age (global) entra no Brasil e transforma-se na Nova Era (local), caracterizada por marcar “pressões individualizantes e reflexivistas da cultura contemporânea para dentro do campo religioso”⁷⁵.

A estrutura da obra se dá nestes termos: análise das coincidências e simbologias arquitetônicas, um breve histórico de Akhenaton, o Hino ao Sol, o presidente Kubitschek e a construção de Brasília e demais reflexões. Primeiro, ela mostra as semelhanças que encontrou entre o Egito antigo e Brasília, dando como exemplo o lago e prédios públicos, misturando Kabbalah hebraica e numerologia do Tarô Egípcio, caracterizando-se como uma típica New Ager, a saber:

New agers incorporam e hibridizam novos e antigos conhecimentos, para satisfazer demandas

⁷² MAGNANI, José G. C. O Brasil da Nova Era. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p.11, 12.

⁷³ Ibidem, p. 12.

⁷⁴ Ibidem, p. 15.

⁷⁵ Ibidem, p. 23.

existenciais e materiais e gerar novos sentidos de vida. Diversos fatores motivam tal atitude: alta escolaridade, ceticismo, curiosidade (...) Essas combinações ocorrem de forma intensa e contínua, estabelecendo potencialmente, assim, um processo de revisão permanente de práticas e crenças.⁷⁶

As chamadas por ela de “coincidências” são tantas e de naturezas tão diferentes- englobando um discurso esotérico⁷⁷ e ocultista- que não cabem nesta discussão das representações de Akhenaton que ficarão mais na esfera do social, cultural e político.⁷⁸ No entanto, é interessante mencionar os exemplos que, para Iara Kern, seriam evidências de que o Egito estaria implantado em Brasília: relação entre o Lago Paranoá e o Rio Nilo, bem como suas aves aquáticas⁷⁹; pirâmide de degraus egípcia e paralelo com a “pirâmide de degraus” da CEB- Companhia de Eletricidade de Brasília⁸⁰; o Memorial JK é revestido de mármore, mesmo material de que eram revestidas as pirâmides egípcias⁸¹; a Igreja Católica de Santa Cruz “é igual a uma Tumba Faraônica”⁸²; a Ordem Rosa Cruz e o edifício do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) seriam semelhantes ao Ramsium de Ramsés II⁸³; a fisionomia dos habitantes de Brasília seria semelhante a dos antigos egípcios⁸⁴; além de “semelhanças” entre JK e Akhenaton, como a afirmação de que ambos

⁷⁶ *Ibidem*, p. 23.

⁷⁷ Como Magnani, compreendo por esotérico “toda vasta gama de práticas alternativas que estão relacionadas amplamente ao movimento New Age, que incorpora vertentes esoteristas, alternativistas, paracientíficas, orientalistas. *Ibidem*, p. 121.

⁷⁸ Como na discussão trazida por Koselleck, futuro e passado são objeto de estudo da História como ciência, sendo que este conhecimento do passado histórico é sempre revisto e modificado pela percepção dos agentes históricos do presente. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro (RJ): Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

⁷⁹ KERN, op. cit, p. 26.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 30.

⁸¹ *Ibidem*, p. 37.

⁸² *Ibidem*, p. 37.

⁸³ *Ibidem*, p. 37.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 39.

“viveram somente 16 anos após a inauguração de suas cidades e ambos tiveram morte violenta”⁸⁵.

No capítulo “o faraó Aknaton”, Kern resume a trajetória de vida dele- a mudança de nome, duração de seu reinado e sua “luta áspera contra os sacerdotes de Amon, detacando o novo culto a Aton e a construção de uma nova capital no Médio Egito”⁸⁶. Logo após citar o Hino ao Sol, Kern afirma que seu autor foi Akhenaton e que ele “muito tem a ver com a nova capital brasileira”.⁸⁷ Nota-se que houve a necessidade, para sua tese, de se apropriar de Akhenaton, e entrando em detalhes, de um Akhenaton que ela escolheu como representação.

Seu estudo de modo algum se propõem a fazer uma análise das construções arquitetônicas de Brasília com inspiração no Egito Antigo: estilo, uso do formato triangular e piramidal, sua relação com a cabala e com o tarô egípcio, como idéia de representações do Egito antigo. Kern não quer fazer uma análise pela via da Egiptomania, ela tem a necessidade e a preocupação de relacionar o ex-presidente a Akhenaton, de modo implícito em alguns trechos, fazer com que tenham uma relação direta- deveras exagerada.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 39.

⁸⁶ KERN, op. cit, p. 49.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 56.

3.2. RELAÇÃO ENTRE EGITO E BRASÍLIA: DESVENDANDO A REPRESENTAÇÃO DE AKHENATON EM JK

Esta relação direta entre Akhenaton e JK foi o que tentou ser demonstrado no capítulo seguinte da tese, “Juscelino Kubitchek de Oliveira e a construção de Brasília”, pois embasada no livro escrito por JK intitulado *Meu caminho para Brasília*⁸⁸, afirma que “o conhecimento que o presidente possuía do Antigo Egito, especialmente da época do faraó Aknaton era tão grande e notória,⁸⁹. Para afirmar esta relação, traz trechos do livro em que JK escreveu não só sobre o Egito, mas especificamente sobre o faraó:

Recordei a beleza, aureolada pelo infortúnio, da rainha Nefertiti e o visionarismo do seu marido Amenófis IV ou Akhenaton- o “Faraó Herege”. Apesar da minha formação religiosa, não escapei ao fascínio daquela estranha personalidade, misto de sonho e audácia, cuja obra de reformador constituiu, durante algum tempo, uma das preocupações do meu espírito.⁹⁰

Mas audácia não é, para Kern, a única característica que seria comum aos dois homens: JK era maravilhado pela história de Akhenaton, como no trecho a seguir:

Levado pela admiração que tinha por esse autocrata visionário, cuja existência quase lendária eu surpreendera através das minhas leituras em Diamantina, aproveitei minha estada no Egito para fazer uma excursão até o local, onde existira Tell El-Amarna (...) Hoje, tanto tempo decorrido, pergunto-me, às vezes, se essa admiração por Akhenaton, surgida na mocidade, não constituiu a chama, distante e de certo modo romântica, que ascendeu e alimentou meu ideal, realizado na maturidade, de construir, no

⁸⁸ OLIVEIRA, Juscelino K. De. *Meu caminho para Brasília. Volume 1: A experiência da humildade*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1974.

⁸⁹ KERN, op. cit, p. 59.

⁹⁰ Ibidem, p. 60.

Planalto Central, Brasília- a nova Capital do Brasil.⁹¹

Ou seja, ao construir Brasília (anos após sua viagem ao Egito) JK tinha consciência da influência que seu contato com o Egito teve para conceber seu projeto. Ele afirma que construiu a cidade para as futuras gerações, como mostrado no trecho a seguir:

Lembro-me agora, do que me disse, um dia, a princesa Marina da Grécia, duquesa de Kent, quando a levei para conhecer Brasília. Ao ver a cidade, que naquela época- meados de 1958- era apenas um gigantesco canteiro de obras, comentou extasiada: “O senhor constrói, Presidente, como os faraós do Antigo Egito o faziam.” Sorri, mas corrigi a observação: “Quanto à monumentalidade, é possível que sim, Alteza, mas quanto aos objetivos, seguimos caminhos diametralmente opostos. Os faraós construíam para os mortos, e eu construo para as gerações do futuro.”⁹²

O final deste trecho escolhido por Kern ilustra bem o contexto de JK, bem como seus objetivos como presidente eleito: acelerar o desenvolvimento econômico do país, prometendo fazer em 5 anos o que demoraria 50 anos, e integrar a nacionalidade com a construção de Brasília e de estradas desde a Amazônia, das chapadas do Oeste e do litoral convergirem até a nova capital.⁹³ Como no exemplo acima, o discurso de JK sobre a integração nacional é retomado pela egiptóloga, pois para o presidente esta questão perpassava pelo nacional-desenvolvimentismo, consolidando-se como sua marca e seu projeto político-social.

Sua campanha presidencial fora diferente dos precedentes Dutra e Vargas, com o slogan “50 anos em 5” e com a idéia de colocar o Brasil no patamar dos chamados “países desenvolvidos”. O programa de

⁹¹ Ibidem, p. 60.

⁹² Ibidem, p. 61.

⁹³ MOREIRA, Vânia M. L. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural”, p.157-158. In: FERREIRA, Jorge; ALMEIDA, Lucília de (org). *O Brasil Republicano- o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe militar de 1964*. 2º ed- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

governo contava com o Plano de Metas, “um documento essencialmente econômico”⁹⁴ segundo Vânia Moreira, que a princípio incorporou a construção de Brasília, para mais adiante acabar transformando-a em uma das prioridades de JK. “Ele situava Brasília, aliás, em lugar de destaque, considerando-a a ‘grande meta de integração nacional’ ou, ainda, a ‘meta-síntese’ de sua administração”.⁹⁵ Como um todo, o Plano de Metas pretendia aprofundar o processo de industrialização, incentivando investimentos com capital nacional e estrangeiro, bem como investimentos estatais na infra-estrutura do país. Pode-se dizer que referindo-se a questão energética, transpote, infra-estrutura, pavimentação asfáltica, entre outros, o plano teve sucesso, contexto lembrado por muitos como os “anos dourados”⁹⁶, repletos de esperanças no futuro.

É interessante perceber o quanto este discurso político está atrelado ao discurso místico de Kern, partidária- ao que tudo indica- da postura de JK, dentro do contexto em que escreveu a obra, 1984.⁹⁷ Com afirmações como “a fé, a certeza e a confiança na finalidade de sua obra, o levaram a construir a cidade do terceiro Milênio- Brasília”⁹⁸, a egiptóloga desconsidera o contexto político do Brasil na época, assim como que tipo de nacionalismo e desenvolvimentismo era esse proposto pelo presidente. Desde os anos 1930, o país contrói uma ordem burguesa e um Estado nacional, não rompendo com o latifúndio, podendo-se afirmar que “o período JK foi, de fato, um momento de ampla expansão da grande propriedade capitalista da terra”⁹⁹, e que a internacionalização do capitalismo brasileiro fortaleceu a burguesia industrial, social e politicamente, além de complexar a burocracia estatal.¹⁰⁰

Ao trazer a imagem de um Juscelino idealizado, vangloriando seus feitos- desde a criação do concurso para o Plano Piloto até a

⁹⁴ Ibidem, p. 159.

⁹⁵ Ibidem, p. 159.

⁹⁶ A expressão “anos dourados” refere-se aqui ao tempo da Bossa Nova, do Cinema Novo, da vitória do Brasil na Copa Jules Rimet de Futebol e o sentimento de nacionalismo que contagiava a população brasileira neste contexto. ALMEIDA, Lúcio F. R de. *A ilusão do desenvolvimento: nacionalismo e dominação burguesa no anos JK*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

⁹⁷ O exemplar que utilizo é de 1991, 3º edição.

⁹⁸ Kern, op. cit, p. 62.

⁹⁹ ALMEIDA, op. cit, p. 10.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 10.

construção rápida da nova capital em “três anos e dez meses”¹⁰¹, Kern deixa de lado qualquer esboço de crítica na esfera política, mesmo o presidente sendo uma figura emblemática na história do Brasil, não havendo um consenso sobre seu mandato, pois

O nacionalismo, em quaisquer das suas fases, foi um instrumento adequado para a classe dominante encontrar alguma unidade (...) Mas sob o governo de JK serviu de invólucro para um esforço de hegemonia burguesa, associando o discurso nacionalista-populista com o da democracia e ainda com a racionalidade técnica.¹⁰²

Kern exalta o presidente Juscelino- em função do discurso da nova capital do terceiro Milênio, olvidando-se das tantas críticas que, na época do mandato (1956-1961)¹⁰³, caíam sobre ele, principalmente com relação ao salário mínimo e à construção da nova capital.¹⁰⁴

Apesar da ressalva, Kern insiste em afirmar que JK nos deixou nas obras um “sentimento místico que envolve a cidade”¹⁰⁵. Vale ressaltar que este “sentimento místico” é interpretado por Kern como uma mescla de diversos elementos de natureza fantástica- como o mito de Dom Bosco¹⁰⁶ e suas visões sobre o Planalto Central- que almejam legitimar Brasília como uma cidade diferente das demais.

¹⁰¹ KERN, op. cit, p. 64.

¹⁰² ALMEIDA, op. cit, p. 11.

¹⁰³ MOREIRA, op. cit, p.158.

¹⁰⁴ JK afirmava que as comissões peritárias, encarregadas de estudar o assunto salarial, não fariam aumentos em função de que se houvesse um aumento salarial para os trabalhadores, conseqüentemente o custo de vida aumentaria. Outro assunto de críticas era a construção de Brasília, que “para muitos era uma opção catastrófica”, por trazer enormes gastos aos cofres públicos. De fato, no fim do mandato já se sentiu uma crescente inflação no país, que se agravou mais adiante. Ver ALLMEIDA, op. cit, p. 247-248.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 61.

¹⁰⁶ “Em 1883, um padre católico italiano, Dom João Bosco, da ordem de São Francisco de Sales, a sonhou. Ele, que jamais estivera no Brasil, nela anteviu a sede de uma nova era, de equilíbrio, progresso e espiritualidade. Registrou a profecia – com as minúcias de sua localização geográfica - num diário, que, ao se tornar público após sua morte, provocou reações de surpresa e entusiasmo no Brasil, já no início do século XX”. FREIRE, op. cit, p. 2.

Brasília foi construída no século XX, como a grande programação de construir a capital do terceiro Milênio, para receber no seu âmago, toda essa estrutura Mística, que se observa por toda parte. Ora na sua arquitetura, ora na simbologia, ora no seu próprio povo.¹⁰⁷

Este tipo de visão quase mitológica de Brasília, apresentada por Kern, é uma idéia antiga e reapropriada em diversos casos e contextos, principalmente com fins turísticos.

O turismo místico é um segmento de reconhecido potencial em Brasília. O Vale do Amanhecer, o Templo da LBV, a Cidade da Paz, a Cidade Eclética, o sonho profético de Dom Bosco, os inúmeros templos religiosos, os monumentos em forma de pirâmides e as incríveis semelhanças com o Egito Antigo são elementos que integram o roteiro mágico da cidade. O misticismo de Alto Paraíso, no Estado de Goiás, a 284 km de Brasília, contribui significativamente para aumentar o fascínio daqueles que se interessam pelos mistérios do Planalto Central.¹⁰⁸

Deste modo, percebe-se como a tese de Kern ajuda a alimentar todo um imaginário que já existia, legitimando o turismo místico de Brasília como grande centro ecumênico¹⁰⁹ e como lugar nascido do misticismo.

Percebe-se a presença de dois mitos que constituem a cidade: “o primeiro se refere à cidade moderna e planejada e o segundo à terra prometida, idealizada como o berço da nova civilização”¹¹⁰. São várias as vertentes que enxergam Brasília como uma cidade mística e sobrenatural, relacionada à profecias, como a de Dom Bosco, e à Nova

¹⁰⁷ KERN, op. cit, p. 66.

¹⁰⁸ GAMA, James. *Brasília, a terra prometida: turismo místico e religioso na capital do país*. Monografia em Gestão e Marketing do Turismo, Universidade de Brasília-UnB, 2004, p. 25.

¹⁰⁹ Estima-se que existam mais de 2.600 templos de diversas seitas e religiões no Distrito Federal. GAMA, *Ibidem*, p. 1.

¹¹⁰ FREIRE, op. cit, p. 14.

Era. “A sociedade Eubiótica¹¹¹ também trouxe algumas profecias. Tratou de temas como a potencialidade evolutiva da América do sul, em que o Brasil, como área central do território, seria ‘o Ponto de origem, o berço de uma nova civilização’ ”¹¹².

Entrando em assuntos metafísicos, Kern nos traz especulações delicadas. Em nenhum momento ela usa, de seu próprio punho, a palavra “reencarnação”. Porém, esta questão entra indiretamente na sua tese, pois “os mistérios elucidam-se ainda mais quando recorreremos às explicações fornecidas pela Sociedade Brasileira de Eubiose, sediada em Brasília”, ao que explica:

As cenas do filme de Pedro Torre- De Aknaton a JK- mostram uma sequência de fotogramas comparativos em que se pode ver uma surpreendente semelhança física entre os dois “faraós” (referindo-se a Akhenaton e a JK). Ambos vem a morrer 16 anos após a inauguração das novas capitais e em circunstâncias trágicas.¹¹³

Logo, o perfil de Akhenaton se projeta em JK, em suas obras, sua suposta personalidade inovadora, ousada e visionária. O Akhenaton representado aqui, através de JK, é um homem que via além de seu tempo, sendo mal entendido por vários contemporâneos seus, que se colocam contra seu projeto ‘revolucionário’. A reforma religiosa empregada por Akhenaton e a mudança da antiga capital Tebas para Akhetaton está, para a egiptóloga, em relação direta com a mudança da capital do Brasil para o vazio demográfico do Planalto Central. Inclusive a rapidez com que estes dois projetos foram concluídos também é comparada.

Através de sua obra, que usa Akhenaton construído com bases em documentos históricos como o hino a Aton e outros dados da egiptologia retirados de pesquisas com muita credibilidade por estudiosos como Cyryl Aldred e Christian Jacq com relação à Revolução de Amarna, a egiptóloga agrega a este perfil valores que não constam nestes estudos, pois estão fora do alcance do historiador.

¹¹¹ A sociedade brasileira de eubiose, cujo slogan é “spes messis in semine” (a esperança da colheita reside na semente), trabalha com estudos de religiões comparadas, preocupados com a chamada “elevação da consciência humana”. Ver mais no site www.eubiose.org.br.

¹¹² FREIRE, op, cit, p. 6.

¹¹³ KERN, op.cit, p.72.

A representação de Akhenaton é construída junto à representação de JK, e vice-versa, e estas representações se constroem em simbiose, numa via de mão-dupla. A política, os interesses, e o contexto histórico em que estes dois personagens estavam inseridos fogem da tese, para dar lugar a um discurso de homens visionários que pensavam em um bem comum, fruto do imaginário de Iara Kern, influenciada pelo seu contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das respectivas fontes, retomaremos os pressupostos de representação de Henri Lefebvre. As duas representações se formulam em condições históricas distantes, porém não tão diferentes, pois ambas estão inseridas no movimento Nova Era, uma pelo contexto da autora- que publica a tese em 1984, e por sua participação em eventos ufológicos- e a outra (do ano de 2000) pelo objetivo da obra e da Editora do Conhecimento- o chamado “esclarecimento” espiritual.

Sobre a evocação de novos conceitos, penso que o conceito de egiptomania é recente, bem como seus estudos, estando atrelados, como neste caso, a um contexto político, o que torna a representação muito mais intrigante e complexa, enriquecendo seu estudo. A representação não se desliga totalmente do seu significado original, por isso foi feita uma espécie de trabalho de genealogia, como diz Lefebvre, ao tentar buscar o personagem Akhenaton histórico, sem anacronismos e dentro do seu próprio contexto.

Por fim, Lefebvre afirma que as representações “pretendem ser verdadeiras e atuantes”, e isso é verificável nos respectivos discursos da tese e do romance. A tese da egiptóloga que respira a Nova Era, utiliza a representação de Akhenaton em JK, aproximando os dois homens para legitimar a cidade de Brasília como uma capital da Novo Milênio, inspirada na sabedoria egípcia em todos os detalhes de seu planejamento e construção, fornecendo provas materiais para isso, como a arquitetura comparada-à sua maneira. O discurso de cunho espiritual do romance de Paranhos igualmente tenta ser verdadeiro, ao afirmar que “esta não é uma ficção, mas sim a programação que a Alta Espiritualidade planejou”¹¹⁴, justificando também que “Jesus deveria ter nascido em solo egípcio e pregado suas verdades imorredouras às margens do sagrado Nilo em meio à mais desenvolvida e espiritualizada das civilizações da Idade Antiga.

O caráter dinâmico se percebe nas duas fontes, quando entendidas dentro do contexto de cada uma, pois ambas refletem momentos espiritualistas em seus respectivos discursos, um de legitimação da cidade e o outro na idéia do Universalismo Crístico. Isto confirma a concepção de que as representações de fato falam mais sobre o contexto do presente- momento da apropriação- do que do objeto apropriado.

¹¹⁴ PARANHOS, op. cit, contra-capá.

Percebemos que esse New Age global, “religião invisível pós-tradicional, sem igrejas, sem doutrinas oficiais ou sacerdotes”¹¹⁵ é encontrado nos meios mais inesperados, até mesmo como fio condutor de uma tese, como é o caso de Iara Kern. Isto demonstra que este movimento passa muito além apenas da esfera do espiritual, pois Kern tenta concretizar suas relações entre Egito e Brasília.

As duas representações brasileiras de Akhenaton foram construídas em processos culturais e sociais específicos, sendo que “o socioeconômico e o cultural entrecruzam-se no plano das subjetividades, com formas emergentes de vivenciar-se e significar o transcendente”¹¹⁶. O fato deste transcendente estar presente na tese de Iara Kern não de uma forma distanciada de análise, lança a pergunta: existiria então uma fronteira clara entre egiptologia e egiptomania, e qual seria? A separação existe e estes dois saberes sustentam-se por discursos diferentes. Estariam distantes, na prática, os discursos da egiptomania e da egiptologia?

A tese de Iara Kern é um exemplo brasileiro, gritante e exagerado, que demonstra muito bem como a ciência da egiptologia não está e nunca foi imune à egiptomania. Da mesma forma, as lacunas da história que a egiptologia não preencheu serão motivo de especulação na área da egiptomania, bem como as partes já preenchidas, que são resignificadas nessas novas representações, como é o caso da questão do monoteísmo.

Esta análise, ao comparar as duas fontes- uma como representante da egiptologia e outra como representante da egiptomania- demonstra que ambas fazem trocas e dialogam, algumas vezes mais, outras menos- no caso de Kern, o diálogo com a egiptomania foi espantosamente grande e perceptível, mas há casos em que a egiptologia lança mão da egiptomania de um modo tão discreto e racional, que parece ser egiptologia “pura”. Por este motivo, o estudo das representações de Akhenaton trouxe uma interessante resposta à problemática, demonstrando que mesmo constituindo-se por discursos diferentes e hierarquizados, egiptomania e egiptologia, na prática, se aproximam, dialogam e se misturam, pois estes dois saberes são, antes de tudo, representações.

¹¹⁵ D’ANDREA, op. cit, p. 209.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 136.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

- BAKOS, Margaret M. *O Egito antigo: na fronteira entre ciência e imaginação*. Disponível em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/egito2.pdf>. ----- *Corpo e Egiptomania. Phoinix (UFRJ)*, v. 9, 2003.
- (Org.). *Egiptomania: O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *O faraó Akhenaton e nossos contemporâneos*. Disponível em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/jornada.pdf>.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- D'ANDREA, Anthony. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. Edições Loyola.
- FUNARI, Raquel dos Santos. *Egiptomania: uma abordagem hermenêutica*. Revista Eletrônica E-história, 13 de Junho de 2004-ISSN 1807-1783. Disponível em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/raquel.pdf.
- GAMA, James Borralho. *Brasília, a terra prometida: turismo místico e religioso na capital do país*. Monografia, Universidade de Brasília-UnB: Brasília- DF, 2004.
- MAGNANI, José G. C. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- PARANHOS, Roger B. *Akhenaton e a Revolução espiritual do antigo Egito*. 4º ed. Limeira, SP: Editora do conhecimento, 2006.
- JACQ, Christian. *Akhenaton e Nefertiti: o casal solar*. São Paulo: Editora Hemus, 1978.
- KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984.
- LAMB, Vanessa M. *Arqueologia histórica egípcia do período de Amarna*. Porto Alegre: PUC/ RS, 2008.
- OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Meu caminho para Brasília – a experiência da humildade*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974, vol I.
- SILVA, Tatiana Rita da. *Do Cânone à Criação: A Simbologia usada na representação do Faraó Akhenaton*. Tese de Mestrado. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 2006. Disponível em

www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Artes/dissertacao_tatianasilva.pdf.

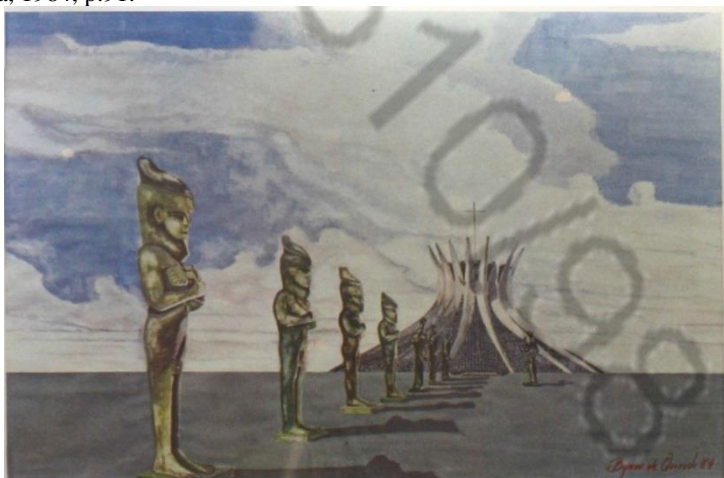
BIBLIOGRAFIA GERAL

- BAKOS, M. M. *O que são hieróglifos*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BLÁZQUEZ, Gustavo. *Exercícios de apresentação: Antropologia social, rituais e representações* In: CARDOSO, C.F.; MALERBA, J. (org) *Representações - Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000, p 169-194.
- BUDGE, Budge. *A magia egípcia: pedras, amuletos, fórmulas, nomes e cerimônias mágicas*. Editora Madras.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CHAPOT, Gisela. *O Senhor da Ordenação: Um estudo da relação entre o faraó Akhenaton e as oferendas divinas e funerárias durante a Reforma de Amarna (1353 – 1335 a.C.)*. Niterói, 2007, 300-, Dissertação (Mestrado) – Programa de PósGraduação em História, Universidade Federal Fluminense.
- CHAPOT, Gisela. *Akhenaton e a construção de uma cosmologia positiva durante a Reforma de Amarna (1353 – 1335 a.C.)*. Disponível em www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos.
- CHARTIER, Roger. *À beira da Falésia: A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DAUMAS, François. *La civilización del Egipto Faraónico*. Traducción de H. Pardellans. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1972.¹
- FAGE, D. *História da África*. Lisboa: edições 70, 1997
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FREIRE, Janaína M. Júnior, Dante F. *Um estudo sobre a identidade mística de Brasília – DF*. Revista Geográfica de América Central, Número Especial. EGAL, 2011: Costa Rica, II Semestre 2011.
- FUNARI, Raquel dos Santos. *Imagens do Antigo Egito* (dissertação). Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, 2004.
- GONÇALVES, Iracilda. *Comunicação com os “mortos”: espiritismo, mediunidade e psicografia*. UFPB, João Pessoa, 2010.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora LTC, 1999.
- GORE, Rick. “Os faraós reis do sol”. In: *Revista National Geographic Brasil Faraós do sol: os monarcas rebeldes do Egito*. Abril 2001.
- HOBSON, C. *The world of the Pharaohs*. Londres, Thames and Hudson, 1987.

- ÍONS, Verónica. *Egipto*. Editora Verbo: Lisboa/ São Paulo, 1982.
- KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. (Trad. Espanhola de óscar Barahona e Uxo Doyhamboure). México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- MONDADORI, Arnaldo. *Museu Egípcio do Cairo. (Enciclopédia dos Museus)*. São Paulo: Mirador Internacional, 1969.
- MOREIRA, Vânia M. L. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural”. In: FERREIRA, Jorge; ALMEIDA, Lucília de (org). *O Brasil Republicano- o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe militar de 1964*. 2º ed- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- OLIVEIRA, Juscelino K. De. *Meu caminho para Brasília. Volume 1: A experiência da humildade*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1974.
- PESAVENTO, Sandra. *História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SILVA, Rodrigo Otávio da. *Apropriações contemporâneas do Egito Antigo*. Disponível em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/apropriacoes.pdf.
- VIEIRA, Dominique. *Acerca do conceito de representação*. Revista de Teoria da História Ano 3, Número 6, dez/2011 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892.
- www.edconhecimento.com.br.
- www.espiritualismo.info.
- www.eubiose.org.br Sociedade Brasileira de Eubiose.
- www.metodologiadapesquisahistorica.blogspot.com.br.
- www.universalismocristico.com.br/apresentacao/preceitos-do-uc.

ANEXOS

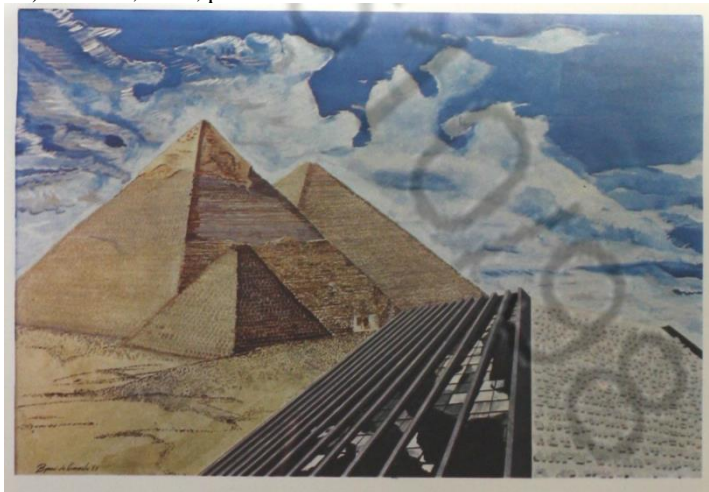
ANEXO I- “A catedral de Brasília está dentro da simbologia antiga”. KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p.91.



ANEXO II- “A simbologia de Brasília através do Congresso Nacional e no dia do seu aniversário”. KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p. 93.



ANEXO III- “A grande pirâmides de Kéops e o teatro Nacional de Brasília”.
KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p. 95.



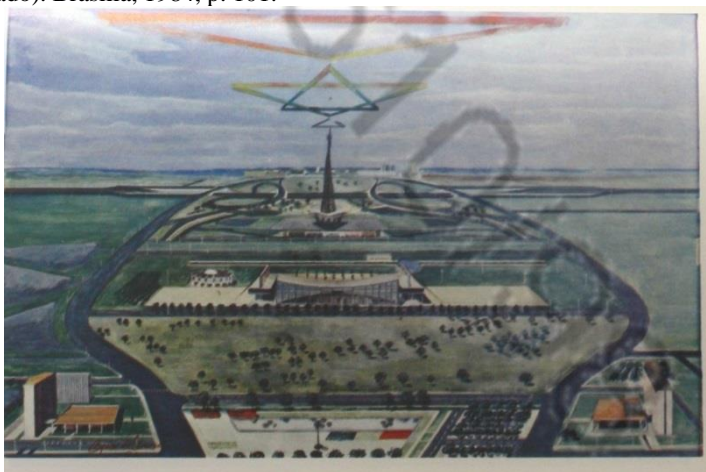
ANEXO IV- A pirâmide de degraus de Sakara e a pirâmide de degraus da CEB.
KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, P. 97.



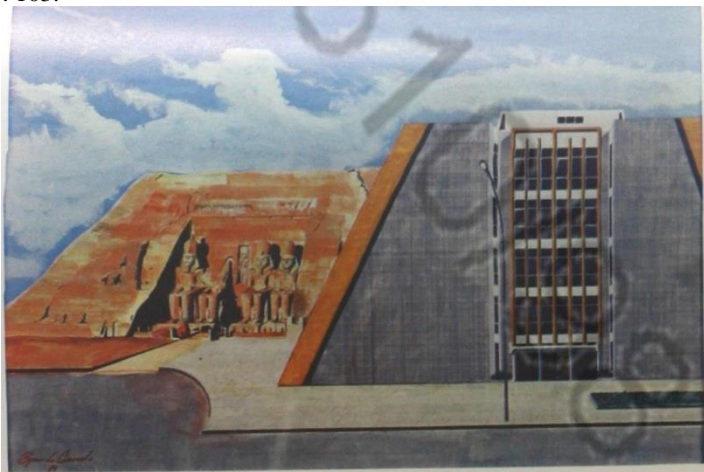
ANEXO V- “O cemitério de Brasília (Campo da Esperança) e o gráfico da filosofia de Pietro Ubaldi. KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p. 99.



ANEXO VI- “As formas triangulares em Brasília, estão constituídas por toda parte”. KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p. 101.



ANEXO VII- “O Ramsium de Ramsés II está latente em Brasília”. KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p. 103.



ANEXO VIII- “O Barco Solar nas águas do Nilo e o barco movido a energia solar nas águas do Paranoá”. KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p. 105.



ANEXO IX- “A evolução do pássaro ibis até a chegada do plano piloto”.
KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 1984, p. 107.

